

CLAREZA E DISTINÇÃO

Clareza e distinção são dois conceitos que se imbricam. Em sua *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, Kant define clareza como a consciência de uma representação que basta para que distingamos um objeto de outro. Já a distinção é definida pela clareza da consciência na composição da representação (Anth, AA 07: 137-138). Quer dizer, temos uma representação clara de uma casa quando conseguimos distingui-la de outros prédios ou outros elementos quaisquer na paisagem ao seu redor. Além disso, temos uma representação distinta da casa se formos capazes de distinguir os elementos que compõem a casa, como paredes, janelas, portas, telhado, etc.

O tema está presente com maior riqueza de detalhes nas lições de lógica de Kant. Na *Lógica Jäsche* (ou, simplesmente, *Lógica*, por ser um trabalho de compilação encomendado por Kant a seu aluno Jäsche, com base no manuscrito que o próprio Kant utilizava para lecionar), inclusive, o exemplo da casa se faz presente, quando Kant nos diz que a representação é clara quando temos consciência dela, e distinta quando somos conscientes também do múltiplo que é contido nela (Log, AA 09: 34). Também nesta obra aparece um outro exemplo recorrente de Kant: a percepção da via láctea. Kant nos diz que, a olho nu, vemos a via láctea, mas então a representação é apenas clara. Com o telescópio, ao distinguirmos as estrelas individuais que formam a via láctea, passamos a ter também uma representação distinta dela (Log, AA 09: 35).

A *Lógica Blomberg* segue a mesma direção da *Antropologia* e da *Lógica Jäsche* ao afirmar que temos uma cognição distinta quando temos clareza de suas marcas (V-Lo/Blomberg, AA 24: 120). Na mesma lição, Kant distingue entre a extensão e a profundidade da distinção.

A extensão da distinção se liga à sua vivacidade; sua profundidade, por outro lado, se liga à sua aridez. Os poetas nos dariam exemplos de distinções vívidas ou extensas, como ao elencarem os múltiplos elementos presentes em uma paisagem primaveril. Pela coordenação desses elementos, atinge-se a perfeição estética (V-Lo/Blomberg, AA 24: 126).

Já o filósofo, em busca da profundidade na distinção, não coordena o maior número possível de elementos que compõem a cognição, mas procura a relação de subordinação entre eles, podendo omitir uma série de marcas. Por isso, a representação distinta do tipo daquela do filósofo se torna árida (V-Lo/Blomberg, AA 24: 127).

Na *Antropologia*, Kant defende a sensibilidade da acusação de confusão, que é uma causa de indistinção nas cognições. Ele alega que, quando se apreende o múltiplo dado, sem ainda or-

dená-lo, não se pode dizer que esse múltiplo tenha sido confundido (Anth, AA 07: 144). Nessa linha, na *Lógica Blomberg*, Kant enfatiza que uma cognição, de modo algum, seria imperfeita por ser sensível. Pelo contrário, a vivacidade da cognição requer sensibilidade (V-Lo/Blomberg, AA 24: 127). A clareza sensível, diz Kant, nada mais é do que essa vivacidade (V-Lo/Blomberg, AA 24: 129).

Outro tema que Kant aborda na *Lógica Blomberg* é a relação entre distinção e análise. Da mesma forma que Kant nos diz que a representação intuitiva não é confusa se, meramente, ainda não foi ordenada, ele considera que a ordenação de elementos internos a uma cognição pode ser introduzida mediante síntese. Assim, a distinção pode ser produto de síntese, e não de análise. Na verdade, a distinção se dá por análise apenas quando a cognição era previamente confusa.

Uma cognição previamente confusa é um conceito dado, em vez de um conceito fabricado. Conceitos dados são os conceitos empíricos ou os conceitos do entendimento. A filosofia, justamente, esclarece os conceitos dados, ou seja, torna esses conceitos distintos. Já os conceitos fabricados encontram-se, por exemplo, nas definições matemáticas. Eles nunca são confusos, porque são criados junto com sua distinção, ou seja, com a ordenação voluntária e consciente de seus elementos internos (V-Lo/Blomberg, AA 24: 131-133).

Sobre os conceitos dados na experiência, outra lição da *Lógica Blomberg* é que eles nunca podem se tornar completamente distintos (V-Lo/Blomberg, AA 24: 134). Isso ocorre porque conceitos empíricos têm muitas marcas, sendo que a afecção de nossos sentidos não pode nos dar todas as determinações das coisas, de tal modo que algumas sempre permanecem ocultas (V-Lo/Blomberg, AA 24: 137).

Já na *Lógica Dohna-Wundlacken*, Kant define clareza como ele define distinção alhures. No caso, esta obra nos informa que clareza é a consciência de uma representação, não apenas no todo, mas também em suas representações parciais, quer dizer, nas marcas ou elementos que compõem a cognição, a que vínhamos nos referindo (V-Lo/Dohna, AA 24: 725). Por outro lado, Kant também nos diz, nesta mesma lição, que, se a representação é distinta, então suas representações parciais são claras (V-Lo/Dohna, AA 24: 729), o que obscurece a distinção dos dois conceitos nesta lição em particular. Já na *Lógica Viena*, o conceito de distinção, como de hábito, se refere à clareza nas partes da cognição. Mas, então, Kant nos diz que a distinção é um segundo grau da clareza, sendo o primeiro a consciência da cognição (V-Lo/Wiener, AA 24: 841-842), o que pode explicar a aparente confusão da *Lógica Dohna-Wundlacken*, já que a distinção não deixaria de ser uma forma de clareza, no caso, uma clareza mais refinada.

RESUMO: Normalmente, o par clareza e distinção é mais associado a outros filósofos modernos em vez de Immanuel Kant. A bem da verdade, não podemos encontrar uma doutrina da clareza e distinção em suas principais obras publicadas. Contudo, o par tem seu lugar nas obras de Kant sobre lógica e antropologia. Este trabalho faz um sumário da contribuição kantiana a esse tópico.

PALAVRAS-CHAVE: Kant. Clareza e distinção. Antropologia. Lógica.

ABSTRACT: The pair clarity and distinctness is more usually associated with other modern philosophers rather than Immanuel Kant. Indeed, we cannot find a doctrine of clarity and distinctness in his main published works. However, the pair finds its place in Kant's works on logic and anthropology. This work summarizes Kantian contribution to that topic.

KEYWORDS: Kant. Clarity and distinctness. Anthropology. Logic.

REFERÊNCIAS / REFERENCES

ALTMANN, S. “Lógica Geral e Lógica Transcendental”. In: KLEIN, J. T. (Org.). *Comentários às Obras de Kant: Crítica da Razão Pura*. Florianópolis: Nefipo, 2012, pp. 179-226.

BECKENKAMP, J. “Kant e a Discursividade do Entendimento”. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2011, pp. 109-124.

CASANAVE, A. L. “Por Construção de Conceitos”. In: KLEIN, J. T. (Org.). *Comentários às Obras de Kant: Crítica da Razão Pura*. Florianópolis: Nefipo, 2012, pp. 657-694.

FAGGION, A. “Can Mere Intuitions Represent Objects?”. In: DÖRFLINGER, B.; LA ROCCA, C.; LOUDEN, R.; MARQUES, U. R. A. (Org.). *Kant's Lectures / Kants Vorlesungen*. Berlin: Walter de Gruyter, 2015, v. 1, pp. 91-104.

LICHT, P. “A Unidade da Intuição e a Unidade da Síntese”. In: KLEIN, J. T. (Org.). *Comentários às Obras de Kant: Crítica da Razão Pura*. Florianópolis: Nefipo, 2012, pp. 145-178.

LINHARES, O. B. “Sentido, Sensibilidade e Intuição: da *Dissertação Inaugural a Crítica*”. In: KLEIN, J. T. (Org.). *Comentários às Obras de Kant: Crítica da Razão Pura*. Florianópolis: Nefipo, 2012, pp. 41-70.

